

QUINTAIS PRODUTIVOS COMO ARRANJOS TERRITORIAIS MULTIFUNCAIONAIS: AGROECOLOGIA E TECNOLOGIAS SOCIAIS NO CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL¹

Alan Marx Francisco²; Lunamar Cristina Morgan³; Paulo Rogério Lopes⁴

GT-5 Desenvolvimento Territorial, Transição Agroecológica e Alimentos.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar os quintais produtivos enquanto arranjos territoriais multifuncionais, articulando os conceitos de agroecologia, tecnologias sociais e desenvolvimento territorial sustentável. A pesquisa busca compreender como esses espaços, frequentemente invisibilizados pelas políticas públicas e pela lógica do agronegócio, promovem práticas de cultivo que integram saberes populares e diversidade biológica. Fundamentado em uma abordagem qualitativa e bibliográfica, o estudo discute a multifuncionalidade da agricultura para evidenciar o papel dos quintais na produção de alimentos, na conservação da agrobiodiversidade e na manutenção de vínculos culturais e territoriais. A análise revela que os quintais produtivos não apenas operam como unidades de produção, mas também como espaços de resistência sociocultural e de inovação, capazes de gerar soluções sustentáveis de base local. Com base nessa perspectiva, os quintais são reconhecidos como territórios vivos onde práticas agroecológicas e tecnologias sociais se entrelaçam, promovendo alternativas ao modelo hegemônico de desenvolvimento. As considerações finais apontam para a importância de fortalecer políticas públicas que valorizem essas experiências, reconhecendo sua contribuição para a construção de territórios mais justos, resilientes e sustentáveis.

Palavras-chave: Agrobiodiversidade; Segurança alimentar; Sustentabilidade ecológica; Inovação social.

¹ O artigo tem como base os resultados da dissertação de Francisco (2025)

² Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial sustentável. Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR. Brasil. E-mail: alan.marx18@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6570-3155>

³ Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial sustentável. Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR. Brasil. E-mail: lunamarcrisina@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5164-4208>

⁴ Doutor em Ciências (Recursos Florestais). Professor no Curso de Tecnólogo em Agroecologia Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR. Brasil. E-mail: agroecologialopes@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1454-7202>

As práticas locais de produção têm ganhado destaque nos debates sobre desenvolvimento territorial, especialmente por suas contribuições à redução das desigualdades, ao combate à fome e à conservação dos ecossistemas. Experiências de base comunitária e familiar, que articulam trabalho, cultura e natureza, vêm promovendo segurança alimentar, conservação ambiental e fortalecimento dos vínculos sociais.

Entre essas práticas, destacam-se os quintais produtivos, presentes em contextos rurais e urbanos. Constituem arranjos produtivos e socioculturais manejados pelas famílias (SILVA; SILVA, 2022) e são reconhecidos como Tecnologias Sociais (TS), ao integrarem espécies alimentícias, florestais e medicinais, muitas vezes com criação de pequenos animais (CARDOSO NOBRE et al., 2021).

Mais que espaços produtivos, os quintais são lugares de memória, cuidado e resistência (OLIVEIRA et al., 2021), associados aos modos de vida populares, com protagonismo feminino na manutenção da agrobiodiversidade, preparo de alimentos e organização dos ciclos produtivos (WEITZMAN; SCHOTTZ; PACHECO, 2021; SANTANA, 2024).

A agroecologia, enquanto ciência, prática e movimento, amplia o olhar sobre as relações entre sociedade e natureza. Para Kaufmann e Wizniewsky (2021), ela propõe uma abordagem holística e sistêmica, que valoriza a subjetividade e a diversidade de saberes, em contraste com a racionalidade mecanicista e universalista da ciência convencional.

Vivemos um tempo em que múltiplas crises - econômica, ambiental, civilizatória e climática - se entrelaçam (SOLÓN, 2019). A isso se somam a perda da memória biocultural (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015) e a crise da razão moderna, o que, segundo Leff (2001), exige o surgimento de uma racionalidade ambiental, capaz de integrar saberes diversos e promover novos modos de habitar o planeta.

Este artigo propõe analisar os quintais produtivos como práticas integradas de cuidado com a terra, cultivo de alimentos e conservação da biodiversidade local. A partir do campo da agroecologia, constrói-se um quadro analítico que articula os temas: agrobiodiversidade, tecnologia social, multifuncionalidade da agricultura e desenvolvimento territorial sustentável.

O texto está estruturado em três partes: a primeira discute a agroecologia como eixo analítico em suas dimensões epistemológica, política e prática, e apresenta a

agrobiodiversidade como expressão dos saberes familiares. A segunda enfoca os quintais produtivos como tecnologias sociais, integrando práticas agroecológicas e saberes populares. A terceira analisa a multifuncionalidade da agricultura e o desenvolvimento territorial sustentável, relacionando os quintais à reprodução socioeconômica, aos bens comuns e à construção de alternativas ao modelo dominante de desenvolvimento.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo resulta de uma pesquisa qualitativa, de caráter teórico-bibliográfico, com foco na articulação entre agroecologia e desenvolvimento territorial sustentável. O objetivo metodológico é compreender os quintais produtivos como arranjos multifuncionais e expressões de tecnologias sociais enraizadas em práticas territoriais.

O referencial teórico foi construído a partir de duas etapas de busca sistemática. A primeira cruzou os termos “multifuncionalidade da agricultura” e/ou “agricultura multifuncional” com “quintais produtivos” e “desenvolvimento territorial (sustentável)”. A segunda associou “quintais produtivos” e “tecnologias sociais” ao desenvolvimento territorial. As buscas ocorreram nas bases SciELO, Google Acadêmico e BDTD, com ênfase em publicações brasileiras.

A abordagem qualitativa valoriza os significados atribuídos aos quintais pelas famílias agricultoras e seus sentidos nas dinâmicas territoriais. Embora este artigo não traga dados empíricos, está vinculado a uma pesquisa de mestrado em andamento no município de Matinhos/PR, que investiga os quintais como tecnologias sociais e sua contribuição ao desenvolvimento territorial sustentável.

A pesquisa adota uma perspectiva que reconhece os saberes locais e populares como legítimos, rompendo com a lógica cartesiana predominante nas ciências modernas. Fundamenta-se na agroecologia como racionalidade ambiental (LEFF, 2001) e nas metodologias participativas que valorizam a escuta, a observação e a sistematização das práticas sociais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 AGROECOLOGIA E AGROBIODIVERSIDADE NOS QUINTAIS

3.1.1 Agroecologia como proposta epistemológica

Segundo Caporal e Costabeber (2004), a agroecologia, enquanto campo do conhecimento, articula saberes de diversas disciplinas com os conhecimentos empíricos dos agricultores e agricultoras. Essa relação ocorre por meio da sistematização de experiências acumuladas e da atuação em processos como a Investigação-Ação Participativa e o Diagnóstico Rural Participativo. Assim, a agroecologia contribui para processos de transformação social voltados à construção de formas sustentáveis de produção e consumo.

Tardin e Travassos (2021) apresentam a agroecologia como uma práxis multidimensional, enraizada nos saberes populares e nas práticas ancestrais dos povos do campo, das águas e das florestas. Sua construção ultrapassa a técnica, inserindo-se em um processo coletivo e político que emerge do diálogo entre ciência e tradição. Nessa perspectiva, a agroecologia integra práticas produtivas com dimensões culturais e comunitárias, valorizando a socialização do conhecimento e a transformação ecológica dos ecossistemas.

Para Leff (2002), a agroecologia reconhece os impactos da degradação ambiental nos sistemas agrícolas e atua junto aos agricultores com práticas que se contrapõem ao modelo agroquímico. Seu potencial transformador depende da articulação dessas ações locais a uma nova racionalidade produtiva, capaz de integrar teoria e prática na resposta aos desafios ecológicos globais.

Toledo (2016) também aponta a agroecologia como um salto epistemológico diante da crise civilizatória contemporânea. Ao valorizar o diálogo de saberes, propõe uma “modernidade alternativa”, que respeita culturas tradicionais e favorece a confluência entre ciência e experiência popular.

Além de orientar práticas agrícolas, a agroecologia propõe uma reflexão ampliada sobre as relações entre sociedade e natureza, sendo parte de um projeto de transformação social e ecológica (GUHUR; SILVA, 2021). Mais que uma alternativa técnica, representa um enfrentamento às estruturas do agronegócio e à lógica capitalista que sustenta a exploração dos recursos e a exclusão social (GUHUR; TONÁ, 2012). Fundamentada no conceito de agroecossistema, busca compreender as dinâmicas naturais integradas às ações humanas, promovendo o redesenho sustentável dos sistemas produtivos.

A prática agroecológica voltada aos sistemas de produção, admite alguns princípios como a diversidade, reciclagem de nutrientes, sinergia entre componentes do sistema e regulação biológica (ALTIERI, 2002). Altieri (2002) destaca a importância de

sistemas biodiversos, o papel dos agricultores tradicionais e a necessidade de repensar os aspectos produtivos em sua obra.

Para Gliessman (2000), a agroecologia assume o papel de ser um estudo de processos econômicos e de agroecossistemas ao mesmo tempo que se torna um agente de mudanças ecológicas e sociais complexas que tem por objetivo fazer da agricultura uma base verdadeiramente sustentável.

Ambos os autores compreendem a agroecologia como aplicação de princípios ecológicos no planejamento e manejo de agroecossistemas sustentáveis, articulando aspectos agronômicos, ecológicos e socioeconômicos. Essa abordagem contribui para avaliar os impactos das práticas agrícolas tanto sobre o meio ambiente quanto sobre as comunidades envolvidas.

Por isso, a agroecologia se destaca, dentro das ciências agrárias, por reconhecer e incorporar os saberes locais na construção de alternativas aos desafios ambientais, econômicos e sociais contemporâneos. Faz desses conhecimentos parte essencial de sua epistemologia (KAUFMANN; WIZNIEWSKY, 2021). Como reforçam Caporal e Costabeber (2004), essa abordagem também oferece base técnico-científica para a transição a práticas agrícolas sustentáveis, contribuindo para o desenvolvimento rural e territorial.

3.1.2 A biodiversidade cultivada e manejada pelas famílias

O termo “quintal” tem origem no latim *quintanale* e significa “pequena quinta”. Trata-se de uma das formas mais antigas de cultivo, geralmente localizada nos fundos ou ao redor das residências. Os quintais combinam espécies florestais, agrícolas, ornamentais e medicinais, podendo incluir também a criação de animais. São considerados sistemas suplementares de produção de alimentos, manejados pelos membros das famílias (SILVA; SILVA, 2022).

Para Brito e Coelho (2000), o termo refere-se à porção de terra situada no entorno imediato das casas, de fácil acesso, onde se cultivam e mantêm múltiplas espécies que suprem parte das necessidades nutricionais das famílias, além de fornecerem lenha e plantas medicinais.

Pulga *et al.* (2018) acrescentam que os quintais produtivos são manejados para o cultivo de uma ampla diversidade de plantas com diferentes finalidades - alimentares,

medicinais, ornamentais, frutíferas e madeireiras - e podem incluir a criação de pequenos animais. Esses espaços também são locais de lazer, acolhimento e contato com a natureza.

Majoritariamente manejados por mulheres, os quintais são sistemas produtivos moldados por fatores diversos, como preferências culturais, número de familiares, tamanho da propriedade, clima, disponibilidade hídrica e conhecimentos sobre as espécies cultivadas e criadas (AIRES, 2022).

Segundo Silva *et al.* (2020), os quintais constituem-se como territórios privilegiados para a preservação da agrobiodiversidade, onde os saberes e fazeres das mulheres se concretizam no processo de construção coletiva do conhecimento. Leal *et al.* (2020) reforçam esse entendimento ao afirmar que, nesses espaços, as mulheres aplicam conhecimentos tradicionais no manejo de sementes e de técnicas agrícolas, contribuindo para a segurança alimentar das famílias e para a regularidade das refeições.

Apesar de sua relevância, o trabalho das mulheres nos quintais ainda é frequentemente invisibilizado e enquadrado como “ajuda”, numa lógica que reforça a divisão sexual e a hierarquização do trabalho, desvalorizando as atividades realizadas pelas mulheres no âmbito da agricultura familiar (PULGA *et al.*, 2018; SANTOS, 2020; SILVA, 2020). Como destaca Almeida (2023), os quintais são também espaços de resistência: das mulheres pela autonomia e contra o avanço da agricultura industrial e capitalista.

Nesses espaços, produzem-se saberes ancestrais - o tempo de plantar, as fases da lua, os usos das plantas para cura, as práticas de cultivo e colheita, o armazenamento e a troca de sementes - fundamentais para garantir o patrimônio genético, a autonomia alimentar e a soberania das comunidades (STRATE; DA COSTA, 2018). Embora muitas vezes silenciadas, essas práticas expressam formas alternativas de relação com a terra, atravessadas por memórias coletivas e transmitidas entre gerações, especialmente das mulheres para suas filhas (ALMEIDA, 2023).

Santos (2020) e Silva (2020) defendem que os quintais devem ser reconhecidos como espaços estratégicos para a autonomia feminina, o que exige o reconhecimento do direito das mulheres ao acesso a recursos, tecnologias e à participação nos espaços de decisão - tanto no âmbito familiar quanto nas políticas públicas. As práticas associadas ao cultivo em quintais produtivos vêm sendo progressivamente inviabilizadas por uma série de fatores, o que posiciona esses espaços como formas de resistência frente à homogeneização produtiva, à crise ambiental e ao apagamento dos saberes tradicionais (ALMEIDA; MILHOMEM, 2020).

Sua presença, tanto em áreas rurais quanto urbanas, representa uma estratégia concreta de enfrentamento à crise climática, por meio do cultivo de alimentos sem o uso de agrotóxicos e da promoção ativa da agrobiodiversidade (MORAES, 2024).

Nesse contexto, observa-se que os quintais produtivos desempenham múltiplas funções que extrapolam a dimensão produtiva. Eles operam como espaços interconectados onde se articulam aspectos ecológicos, sociais, culturais, políticos e de gênero. A Tabela 1 a seguir sintetiza essas funções, evidenciando a complexidade e a relevância dos quintais como sistemas vivos de manejo da agrobiodiversidade e de expressão territorial.

Tabela 1 – Funções dos quintais produtivos no contexto da agroecologia e da agrobiodiversidade

Função	Descrição	Dimensão associada
Produção alimentar	Cultivo de alimentos variados para autoconsumo e troca entre famílias	Econômica / Nutricional
Conservação da agrobiodiversidade	Manutenção de sementes crioulas, variedades tradicionais e espécies nativas	Ecológica / Genética
Autonomia e protagonismo feminino	Espaço de trabalho e decisão das mulheres no cultivo, manejo e reprodução dos saberes	Social / Política / de Gênero
Transmissão de saberes	Troca intergeracional de conhecimentos sobre plantas, manejo, tempo e espiritualidade	Cultural / Educacional
Cuidado com a saúde	Uso de plantas medicinais e práticas naturais de prevenção e cura	Saúde / Etnobotânica
Resistência ao agronegócio	Alternativa aos modelos hegemônicos de produção, consumo e territorialização	Política / Ambiental
Conexão com a natureza e o território	Práticas simbólicas, afetivas e cotidianas que reforçam vínculos com o território e o ecossistema	Espiritual / Identitária / Territorial

Fonte: Elaborado pelo autor com base em SILVA *et al.* (2020); ALMEIDA (2023); STRATE e DA COSTA (2018); (SANTOS, 2020); (SILVA, 2020).

A conservação da agrobiodiversidade tem raízes profundas na relação histórica entre seres humanos e os sistemas agrícolas por eles manejados. Esse processo, iniciado há milênios, envolveu a seleção e o cultivo de plantas e animais por meio da observação e da experimentação contínua em espaços diversos como roças, roçados e, mais recentemente, quintais produtivos. Segundo Lopes *et al.* (2017), trata-se de um legado

construído por povos indígenas, camponeses, quilombolas, caiçaras e outros grupos tradicionais, cuja prática agrícola moldou grande parte da diversidade cultivada que hoje sustenta a segurança alimentar global. Nesse sentido, o conceito de “conservação na roça” - proposto em contraponto ao termo “conservação on farm” - pode ser estendido para abranger também os quintais, uma vez que esses espaços mantêm a lógica de cultivo baseada na autonomia, no conhecimento empírico e na diversidade.

Assim, os quintais produtivos revelam-se como expressões concretas das potencialidades da agroecologia, ao integrarem saberes tradicionais e saberes populares, práticas locais de manejo e a diversidade biológica em um mesmo espaço. Esses territórios demonstram a proposta epistemológica agroecológica ao valorizar o conhecimento ancestral, especialmente das mulheres, e ao promover formas de cultivo sustentáveis baseadas na convivência com a natureza. Nesse sentido, os quintais se constituem como espaços estratégicos para a construção de agroecossistemas diversificados, resilientes e socialmente enraizados, contribuindo para a conservação da agrobiodiversidade e para relações mais justas entre sociedade e natureza.

3.2 QUINTAIS, TECNOLOGIAS SOCIAIS E PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

3.2.1 Os quintais como expressão de tecnologias sociais

Para Cristoffoli (2021), o papel da tecnologia está diretamente ligado à ação humana na produção das condições de vida, incorporando valores como trabalho, cultura e posição política. Assim, as escolhas tecnológicas não são neutras, mas inseridas em disputas políticas, relações de poder e contradições de classe. Nesse contexto, a Tecnologia Social (TS) é compreendida como um processo de desenvolvimento, gestão e reaplicação de soluções voltadas à resolução de problemas sociais e ambientais, com foco na inclusão social, na sustentabilidade e na promoção de práticas de baixo custo e alto impacto social.

Essa perspectiva se alia à ideia dos movimentos sociais que reivindicam a agroecologia e a TS como formas de resistência e de reorganização do trabalho e da vida no campo, mobilizando dimensões materiais, históricas e dialéticas no enfrentamento das desigualdades estruturais.

Um exemplo dessa articulação pode ser observado na coletânea “Tecnologia Social e Reforma Agrária Popular”, organizada em três volumes por Sansolo, Addor e Eid (2021). Entre as experiências sistematizadas, destaca-se o projeto de extensão

Tecnologias Sociais para Promoção da Segurança e Soberania Alimentar, desenvolvido junto à Comunidade Agroflorestal José Lutzenberger, no litoral do Paraná (Antonina/PR), em parceria com o MST e o Curso de Tecnologia em Agroecologia da UFPR.

Esse projeto teve como objetivo mapear, sistematizar, construir e socializar tecnologias sociais e práticas agroecológicas adaptadas ao contexto local. Entendidas como produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, as TS são concebidas como estratégias de transformação baseadas na participação ativa das comunidades, conforme defendem Rodrigues e Barbieri (2008). Nesse processo, os saberes populares ocupam lugar central, e a agroecologia atua como facilitadora, tanto metodologicamente - por meio de práticas como o Diagnóstico Rural Participativo (DRP) e a sistematização de experiências - quanto no reconhecimento das práticas locais como soluções legítimas e sustentáveis (LOPES *et al.*, 2021).

Os resultados dessas ações evidenciam que as TS, quando articuladas com os princípios da agroecologia, contribuem para a construção de territórios sustentáveis, ampliando a autonomia das famílias e das comunidades na condução dos processos produtivos. Elas favorecem a soberania alimentar, o uso social da terra e o fortalecimento das relações comunitárias.

De acordo com Toledo e Barrera-Bassols (2015), os seres humanos, historicamente, têm contribuído para o aumento da diversidade biológica, agrícola e cultural nos ecossistemas em que vivem, a partir de manejos adaptativos e conhecimentos tradicionais. Os quintais produtivos são expressão viva desse processo. Apresentam alta complexidade ecológica, manejo agroecológico e intensa interação entre agrobiodiversidade, saberes locais e tecnologias sociais (SILVA E SILVA, 2022).

Esses espaços se configuram como verdadeiras Tecnologias Sociais (CARDOSO NOBRE *et al.*, 2021), ao permitirem a combinação de espécies alimentícias, florestais e medicinais, frequentemente associadas à criação de pequenos animais. Dessa forma, os quintais se tornam sistemas produtivos que potencializam a ação transformadora dos sujeitos e promovem o vínculo entre o ser humano e o território (QUEIROZ *et al.*, 2019).

Nesse sentido, os quintais produtivos estabelecem uma relação direta com o desenvolvimento territorial sustentável ao promoverem inovações tecnológicas e sociais baseadas no conhecimento local, no protagonismo das comunidades e na gestão coletiva dos recursos. São espaços que favorecem a autonomia das famílias, fortalecem vínculos comunitários e contribuem para a transformação das realidades socioambientais a partir de experiências concretas e cotidianas (ABRANTES, 2015).

3.2.2 Práticas agroecológicas e os saberes populares do cotidiano

Nos quintais produtivos, práticas de manejo agroecológico se expressam quando o controle de insetos e doenças é feito com receitas caseiras biodegradáveis, quando a fertilidade do solo é adquirida no próprio quintal, por compostagem e por vezes esterco dos animais, ao invés de fertilizantes solúveis comprados externamente.

Práticas que são construídas e transmitidas no fazer com as mãos, no contato com a terra e com as plantas, assim se atualizam os saberes populares, acumulados ao longo de gerações e ajustados às condições ecológicas e socioculturais dos territórios.

Como apontam Santos (2020) e Silva (2020), esses conhecimentos são fundamentais para a sustentabilidade dos agroecossistemas e para a reprodução da vida no campo, embora historicamente tenham sido invisibilizados pelas narrativas hegemônicas que associam o saber técnico-científico ao masculino e desvalorizam o saber tradicional feminino. No entanto, é justamente essa sabedoria prática, enraizada na experiência, que sustenta os sistemas alimentares locais e garante a conservação da agrobiodiversidade.

Além disso, os saberes populares articulam uma visão integrada da natureza, onde planta, solo, água, corpo e espiritualidade não estão dissociados. Essa visão, profundamente ecológica e relacional, desafia a lógica mecanicista da agricultura convencional e fundamenta alternativas de cultivo baseadas na reciprocidade, na escuta da terra e na observação dos ciclos naturais.

As práticas agroecológicas que emergem nos quintais - como o uso de biofertilizantes, compostagem doméstica, cultivo consorciado, manejo de ervas espontâneas, coleta e armazenamento de sementes crioulas - são muitas vezes invisibilizadas pela racionalidade técnico-industrial. No entanto, representam uma forma sofisticada de conhecimento ecológico tradicional, centrado na experimentação, na memória e no cuidado com a vida.

Nesse sentido, o cotidiano dos quintais é também um espaço político, de construção para autonomia alimentar, resistência à homogeneização produtiva, transmitindo saberes e redesenhando o vínculo entre cultura e natureza. Suas práticas carregam a potência de uma outra racionalidade, aquela que semeia e cultiva diversas formas de vida, como fundamento para a sustentabilidade.

Segundo Serafim, Jesus e Faria (2013), a Tecnologia Social (TS), a agroecologia e a agricultura familiar compartilham convergências teóricas e práticas. A agroecologia configura-se como um campo que articula estudos e experiências voltadas à superação dos modelos de degradação ambiental e exploração social, promovendo ações coletivas e participativas. A proposta da TS dialoga diretamente com esses princípios, ao destacar o papel transformador da tecnologia na redução das desigualdades. Nesse contexto, a agricultura familiar se apresenta como o segmento social mais aderente à concretização dessas propostas, portadora de um projeto de futuro mais justo e sustentável.

Para Almeida (2021), os quintais produtivos vêm sendo revisitados pelas ciências agro-sociais como espaços onde práticas ancestrais persistem. Neles, o conhecimento é construído pela relação com as plantas, o clima e os distúrbios ecológicos, funcionando como verdadeiros laboratórios vivos da agricultura familiar.

Maciel (2023), em sua revisão etnobotânica, identifica padrões regionais de uso dos quintais: na região Norte, prevalecem as espécies alimentícias; no Sul e Centro-Oeste, as medicinais e alimentícias; no Sudeste e Nordeste, as ornamentais. Essa diversidade revela a riqueza dos saberes e a multiplicidade de funções desses espaços vivos de produção, cultura e resistência.

Pedrosa (2016) observa que os quintais, situados junto às casas, permitem o cultivo de espécies diversas por meio de práticas agroecológicas, garantindo alimentos saudáveis, geração de renda e transmissão de saberes entre gerações. Soares (2020) complementa ao afirmar que os quintais expressam as tradições culturais das famílias agricultoras, fortalecendo a segurança alimentar e o cuidado com a saúde.

Além disso, os quintais possibilitam a criação de novas estratégias de reprodução socioeconômica e valorização cultural. Como apontam Lopes e Lopes (2024), neles perpetuam-se saberes, sabores, simbologias e memórias, articulando tradição e inovação.

A sistematização realizada por Koch *et al.* (2024), identificou diversas práticas agroecológicas - como compostagem, adubação verde, uso de Microrganismos Eficientes (EM), biofertilizantes, calda bordalesa, sombreamento com espécies nativas, capina seletiva e ciclagem de nutrientes. Essas técnicas são reconhecidas como tecnologias sociais por sua simplicidade, eficácia, reutilizabilidade e por promoverem a autossuficiência e a sustentabilidade ambiental, respeitando os ciclos naturais e o trabalho dos e das agricultoras.

De forma complementar, Mota *et al.* (2024) identificam em sua pesquisa a presença de técnicas como meliponicultura, uso de sementes crioulas, sistemas

agroflorestais (SAFs), alporquia, barreiras de vento e aproveitamento de excedentes para comercialização. Os autores destacam que os quintais são espaços de produtividade e fartura, que fortalecem a autonomia das famílias, especialmente em contextos marcados por lutas sociais em torno da reforma agrária, da valorização da diversidade cultural e da equidade de gênero.

A perspectiva dos quintais produtivos também se aplica aos contextos urbanos, os quais muitas vezes mantêm vínculos com práticas rurais. Eles dialogam com iniciativas da agricultura urbana e periurbana (SILVA *et al.*, 2016; CARMO *et al.*, 2020; SANTOS, 2024), constituindo uma ponte entre campo e cidade. Lopes e Lopes (2024) identificam que os quintais urbanos, conduzidos sem o uso de agroquímicos e moldados pelas trajetórias de vida dos agricultores e agricultoras, apresentam manejo agroecológico e diversidade de espécies que fortalecem a segurança alimentar das famílias.

Nucci e Mezzom (2023) ressaltam que os quintais urbanos desempenham papel estratégico na conservação ambiental das cidades, favorecendo a biodiversidade, a permeabilidade do solo e o equilíbrio térmico. Trotta *et al.* (2012) observam que eles também funcionam como espaços de conservação de práticas etnobotânicas, revelando o conhecimento tradicional das comunidades urbanas sobre o uso das plantas.

3.3 MULTIFUNCIONALIDADE DA AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

3.3.1 A multifuncionalidade da agricultura

A multifuncionalidade da agricultura surge como categoria analítica fundamental para compreender os quintais produtivos em sua complexidade, valorizando-os além da dimensão estritamente econômica. Conforme Moraes (2023), ela se expressa por meio das práticas coletivas dos agricultores, que produzem bens públicos e manejam recursos comuns, assegurando funções produtivas, sociais, ambientais e culturais de interesse coletivo.

Essa perspectiva se opõe à visão restrita da agricultura familiar como mero setor produtivo. Em vez disso, revela suas contribuições à reprodução socioeconômica, à segurança alimentar, à preservação de saberes culturais e à conservação dos recursos naturais (CARNEIRO; MALUF, 2005).

Originalmente associada à busca por reconhecimento social e compensações econômicas, a noção de multifuncionalidade tem raízes mais antigas. O que se transforma

ao longo do tempo são as ênfases atribuídas a cada função agrícola. Para Simonetti e Barden (2021), essa abordagem amplia o olhar sobre a agricultura familiar, valorizando seus vínculos territoriais e modos de vida, o que já era evidenciado por estudos sobre o campesinato no Brasil.

Camargo e Oliveira (2002) destacam que essa leitura rompe com os enfoques setoriais tradicionais, atribuindo à agricultura funções sociais e ambientais além da produção de bens. Isso implica também desafios conceituais, ao exigir um entendimento da agricultura como prática complexa e situada, com efeitos que extrapolam a lógica mercantil. Tais elementos redimensionam a própria noção de “rural”, agora vinculada a aspectos culturais, ecológicos e sociais.

A multifuncionalidade amplia o campo de análise ao incluir práticas não profissionais e fenômenos socioculturais com impacto econômico (CARNEIRO; MALUF, 2005). Ela conecta o processo produtivo aos efeitos sociais, culturais e territoriais, contribuindo para o fortalecimento das comunidades e do desenvolvimento local. Sua flexibilidade também a torna estratégica frente aos desafios da liberalização comercial, permitindo políticas públicas que considerem as especificidades dos territórios e dos modos de vida rurais.

Essa abordagem é crítica ao modelo hegemônico da agricultura, que privilegia monoculturas, homogeneização produtiva e concentração fundiária. Ao desvalorizar práticas baseadas no autoconsumo e na diversificação, esse modelo oculta os impactos sociais e ambientais negativos, esvaziando o campo e desarticulando formas tradicionais de vida rural.

Nos estudos sobre multifuncionalidade, o território é compreendido como espaço físico e simbólico, onde se entrelaçam bens materiais e imateriais (BONNAL; CAZELLA; MALUF, 2008). Nesse sentido, Carneiro e Maluf (2005) propõem três dimensões centrais: a ambiental (preservação dos ecossistemas), a territorial (vínculos de pertencimento) e a cultural (saberes locais e equidade nas relações de produção).

Os autores também sintetizam essas dimensões em quatro expressões: reprodução socioeconômica das famílias, segurança alimentar, manutenção do tecido social e cultural, e conservação da paisagem e dos recursos naturais. Esses elementos são úteis para compreender a importância dos quintais enquanto arranjos multifuncionais.

Estudo de Araújo Lopes, Guimarães e Lopes (2014) em assentamentos no entorno do Parque Estadual Morro do Diabo evidencia essa multifuncionalidade na prática: as famílias produzem para o autoconsumo e comercialização, mantendo vínculos com o

território e reconhecendo a importância da conservação ambiental. Há uma percepção de reciprocidade: a floresta beneficia as culturas, e a presença das famílias contribui para a preservação do ambiente.

A multifuncionalidade, portanto, não se limita à produção de alimentos, mas atua como ferramenta crítica e propositiva na construção de territórios mais resilientes, sustentáveis e socialmente justos. Ao integrar dimensões sociais, culturais, ambientais e econômicas, reafirma o papel estratégico da agricultura familiar no desenvolvimento rural.

Para ilustrar os contrastes entre os modelos agrícolas em disputa, a seguir é apresentada uma tabela comparativa entre o agronegócio hegemônico e a agricultura familiar de base multifuncional. Tal comparação evidencia lógicas distintas - uma centrada na maximização da produtividade e lucros, outra na diversificação, sustentabilidade e vínculos territoriais.

Tabela 2 – Tabela comparativa entre modelos agrícolas

Modelo	Agronegócio Hegemônico	Agricultura Familiar Multifuncional
Foco	Alta produtividade, exportação	Diversificação, subsistência e trocas locais
Relação com o território	Homogeneização, expansão monocultural	Enraizamento, valorização das especificidades locais
Impacto ambiental	Alto uso de insumos, degradação	Manejo sustentável, conservação de recursos naturais
Relação social	Verticalizada, voltada ao lucro	Horizontal, comunitária, baseada em solidariedade
Reconhecimento cultural	Baixo, tecnicista	Alto, valorização de saberes e práticas tradicionais

Fonte: Elaboração própria com base em CARNEIRO E MALUF (2005), CAMARGO E OLIVEIRA (2002), SIMONETTI E BARDEN (2021) E MORAES (2023).

No contexto brasileiro, essa perspectiva tem sido defendida como instrumento essencial de formulação de políticas públicas, ao responder às demandas contemporâneas por práticas mais justas e sustentáveis. Dessa forma, a multifuncionalidade reafirma o papel estratégico da agricultura familiar na construção de territórios mais resilientes, integrados e comprometidos com a qualidade de vida no campo.

3.3.2 Os quintais como arranjos territoriais multifuncionais

A agroecologia incorpora em sua epistemologia a valorização dos saberes populares, incluindo ativamente a participação de sujeitos externos ao campo acadêmico na construção de novos conhecimentos. Trata-se de um processo intersocial e intercultural, que busca convergências entre diferentes campos sociais. Além disso, a agroecologia não tem como finalidade última o mercado ou a acumulação de capital, mas sim valores como o altruísmo econômico e a corresponsabilidade com as gerações futuras, sendo compreendida também como um modo de vida (BORSATTO; CARMO, 2013).

Os quintais produtivos, ao integrarem dimensões ecológicas, econômicas, culturais e simbólicas em suas práticas cotidianas, apontam para caminhos de transformação das relações entre sociedade e natureza, rompendo com lógicas homogêneas e excludentes de desenvolvimento. Segundo Vieira (2009), compreender os processos de evolução ou degradação dos sistemas sociais a partir de condições ecológicas - assim como entender as mudanças nos sistemas ecológicos a partir de opções de organização social - permite romper com modelos de desenvolvimento baseados em tendências dominantes, abrindo espaço para estratégias mais endógenas de desenvolvimento.

Embora os quintais produtivos venham sendo reconhecidos como espaços relevantes para a produção de alimentos e a conservação da agrobiodiversidade (SILVA *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2020; MORAES *et al.*, 2024), ainda são escassos os estudos que os abordam sob a perspectiva das tecnologias sociais e da multifuncionalidade agrícola. Como destacam Moraes e Borges (2010), práticas familiares e comunitárias de base agroecológica constituem formas legítimas de resistência e inovação social, sendo fundamentais para a construção de modos sustentáveis de vida.

A presente pesquisa fundamenta-se em quatro eixos teóricos principais: a agroecologia, as tecnologias sociais, a multifuncionalidade da agricultura e o desenvolvimento territorial sustentável. Esses pressupostos fornecem a base analítica para compreender os quintais produtivos como espaços que mobilizam diferentes soluções de cultivo e manejo, contribuindo para a geração de sociobiodiversidade, autonomia e resiliência nos territórios.

A agroecologia é compreendida aqui como uma abordagem científica, política e prática que se contrapõe à agricultura convencional baseada na monocultura e no uso intensivo de insumos industriais. Ao valorizar o saber popular, a diversidade produtiva e o protagonismo das famílias agricultoras, a agroecologia propõe uma nova racionalidade para o manejo dos agroecossistemas, fundada no respeito às dinâmicas ecológicas e

culturais dos territórios. Nesse sentido, os quintais produtivos podem ser reconhecidos como espaços de expressão agroecológica, a partir do cultivo da terra, da transmissão de saberes e das formas de cuidado com a vida.

A tecnologia social, por sua vez, é compreendida como o conjunto de processos que envolvem o desenho, o desenvolvimento e a gestão de soluções tecnológicas voltadas à resolução de problemas sociais e ambientais, promovendo inclusão social e desenvolvimento sustentável. Essas tecnologias se caracterizam por sua simplicidade, baixo custo, facilidade de aplicação e capacidade de gerar impacto social (CHRISTOFFOLI, 2021). Nesta perspectiva, os quintais produtivos são compreendidos como expressões de tecnologias sociais, conforme propõe Abrantes (2015). A articulação entre tecnologias sociais e agroecologia, com ênfase no litoral paranaense, também pode ser encontrada em Lopes *et al.* (2021; 2024), a partir das iniciativas do Projeto de Extensão Tecnologias Sociais para Promoção da Segurança e Soberania Alimentar da UFPR Litoral, atuante na região entre 2019 e 2024.

A noção de multifuncionalidade da agricultura permite ampliar o olhar sobre os quintais produtivos, compreendendo-os para além de sua dimensão produtiva e econômica. Tal abordagem se contrapõe à lógica que enxerga a agricultura familiar apenas como um setor subordinado às dinâmicas de mercado. Permite, portanto, evidenciar as contribuições desses espaços para a manutenção de bens comuns relacionados à reprodução socioeconômica das famílias, a promoção da segurança alimentar, a preservação do tecido social e cultural e a conservação dos recursos naturais e da paisagem (CARNEIRO; MALUF, 2005).

Segundo Petersen (2013), o processo técnico no qual a agricultura moderna está inserida passou a ser medido pela intensificação do uso de tecnologias industriais, o que favoreceu a entrada do capital no campo, marginalizando os saberes tradicionais e o trabalho agrícola vinculado às especificidades dos ecossistemas locais. Para o autor, esse processo não ocorre de forma natural, mas sim como resultado de uma construção político-ideológica associada ao projeto de modernização da agricultura.

Para sistematizar os fundamentos conceituais que sustentam a análise dos quintais produtivos como arranjos territoriais multifuncionais, apresenta-se a seguir um quadro com os principais eixos teóricos mobilizados pela pesquisa. A tabela relaciona os conceitos centrais da agroecologia, das tecnologias sociais, da multifuncionalidade da agricultura e do desenvolvimento territorial sustentável com as respectivas contribuições desses espaços no contexto estudado. Essa organização visa destacar o potencial dos

quintais como síntese viva e prática das dimensões analíticas que orientam este trabalho, evidenciando sua relevância no fortalecimento de modos de vida sustentáveis, inclusivos e territorialmente enraizados.

Quadro 1 – Eixos teóricos e contribuições dos quintais produtivos

Eixo Teórico	Conceito-chave	Contribuições dos Quintais Produtivos
Agroecologia	Abordagem científica, política e prática ecológica e cultural	Expressão de agroecossistemas biodiversos, práticas sustentáveis, transmissão de saberes, cuidado com a vida e o solo
Tecnologia Social	Soluções simples, de baixo custo, com impacto social	Inovação comunitária, manejo autônomo de recursos, inclusão social e valorização de soluções locais.
Multifuncionalidade Agrícola	Integração de funções sociais, culturais, ambientais e econômicas	Produção de alimentos, conservação da agrobiodiversidade, reforço dos vínculos sociais, manutenção do território
Desenvolvimento Territorial Sustentável	Estratégia que articula recursos locais e protagonismo comunitário	Fortalecimento da economia solidária, valorização das identidades, construção de modos de vida sustentáveis e resilientes.

Fonte: elaborado pelo autor

3.3.3 Desenvolvimento territorial sustentável e os desafios do modelo hegemônico de agricultura

Satrústegui (2013) analisa como as transformações nas relações econômicas impactaram a concepção de progresso e desenvolvimento. A partir da crise dos anos 1970, o foco no crescimento macroeconômico passou a negligenciar desigualdades sociais e degradação ambiental. A associação entre desenvolvimento e crescimento foi amplamente questionada, especialmente pela constatação de que o crescimento, por si só, não assegura bem-estar humano.

Amartya Sen (2018) contribui ao propor uma abordagem centrada na ampliação das capacidades humanas, valorizando a autonomia, dignidade e sustentabilidade intergeracional. Nesse contexto, o desenvolvimento sustentável, embora amplamente difundido desde o Relatório Brundtland (1987), é alvo de críticas por sua ambiguidade e apropriação pelo discurso mercadológico.

Furtado (2025) critica o modelo de desenvolvimento adotado em países periféricos, baseado no “mimetismo econômico” das economias centrais, que aprofunda desigualdades e dependência estrutural. Esse modelo rompeu a relação entre sociedade e

natureza, substituindo o saber tradicional por uma lógica técnico-científica dissociada dos limites naturais (SATRÚSTEGUI, 2013; NAREDO, 1987).

Cavalcante (2012) e Veiga (2010) destacam como o cálculo econômico ignora a presença da natureza nos processos produtivos. Veiga propõe a resiliência, e não o equilíbrio, como conceito central da ecologia, exigindo uma nova visão de desenvolvimento baseada na biocapacidade dos territórios e na relação com os ecossistemas. Concepções de sustentabilidade fraca e forte expressam esse debate, sendo esta última mais exigente ao defender a integridade dos recursos naturais.

Para Chaves e Rodrigues (2006), o desenvolvimento sustentável exige a articulação entre progresso econômico, inclusão social e equilíbrio ambiental. Isso implica transpor valores normativos globais para os contextos locais, reconhecendo os saberes tradicionais e a ecologia dos territórios.

A articulação entre desenvolvimento e território ganha força com o conceito de território relacional (SAQUET, 2009; 2013), que envolve dimensões analíticas e operacionais: o território é simultaneamente espaço de identidade e campo de disputa. Carneiro (2007) alerta para as tensões internas aos territórios, desafiando leituras homogêneas.

Saquet (2011; 2018; 2023a) enfatiza os processos de territorialização como construções sociais contínuas, atravessadas por fluxos de saberes, práticas e representações. Elementos como iconografia e singularidade conferem densidade cultural ao desenvolvimento territorial. A valorização dos saberes tradicionais e sua coabitação com o conhecimento científico são fundamentais na construção de alternativas sustentáveis.

Tiepolo e Denardin (2019) defendem estratégias que respeitem os ciclos naturais e promovam a convivência socioecológica. A Revolução Verde, ao contrário, reduziu o desenvolvimento à lógica produtivista, promovendo a artificialização do ambiente e naturalizando a ideia de que produzir sem veneno é produzir menos (PETERSEN, 2013; PEREZ-CASSARINO et al., 2013).

Porém, experiências agroecológicas demonstram a viabilidade de outros caminhos. Em Antonina/PR, agricultores da Comunidade Agroflorestal José Lutzenberger constroem práticas baseadas na agrobiodiversidade, autonomia e soberania alimentar (KOCH et al., 2024; MOTA et al., 2024). A agroecologia atua como mediadora de processos participativos e práticas sustentáveis, reconhecendo singularidades territoriais.

A construção do conhecimento agroecológico emerge da interação entre saberes acadêmicos e populares (SILVA, 2020). Tal abordagem confronta os impactos da Revolução Verde, resgata a biodiversidade e valoriza culturas locais.

Promover um desenvolvimento verdadeiramente sustentável requer transformações profundas nos paradigmas econômicos, com protagonismo dos territórios e de suas populações (SAQUET, 2018). Nesse cenário, os quintais produtivos se afirmam como espaços de resistência e inovação. Ao articularem saberes tradicionais, diversidade produtiva e práticas adaptadas aos ecossistemas, tornam-se núcleos vivos de desenvolvimento territorial sustentável.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender os quintais produtivos como expressões territoriais multifuncionais, que articulam saberes tradicionais e saberes populares, práticas agroecológicas e estratégias de resistência ao modelo hegemônico de desenvolvimento. Ao longo do trabalho, demonstrou-se que esses espaços vão além da produção, cumprindo também funções sociais, culturais, ecológicas e simbólicas, desafiando a lógica da modernização agrícola baseada na homogeneização e na ruptura com os ciclos naturais.

Com base em referenciais da agroecologia, tecnologias sociais, multifuncionalidade da agricultura e desenvolvimento territorial sustentável, evidenciou-se que os quintais são territórios vivos de memória, reciprocidade e cuidado com a vida. Funcionam como interfaces entre natureza e cultura, entre produção e reprodução social, revelando seu potencial estratégico para a transição ecológica e a soberania alimentar.

As contribuições dos quintais à agrobiodiversidade se destacam tanto pela preservação de espécies locais quanto pela valorização dos saberes associados ao manejo. Isso reforça a necessidade de reconhecê-los como patrimônios socioculturais e ecológicos, cuja continuidade depende do protagonismo comunitário e de políticas públicas que os valorizem como estratégias legítimas de desenvolvimento.

Ao abordar os quintais sob a ótica da multifuncionalidade e do desenvolvimento territorial, o estudo amplia a compreensão da agricultura familiar. Reafirma-se a urgência de políticas públicas que apoiem esses arranjos, articulando escalas e saberes para uma transição agroecológica nos territórios.

Por fim, recomenda-se o aprofundamento de estudos empíricos que explorem a

diversidade dos quintais em diferentes contextos, com atenção às dimensões simbólicas, às relações de gênero e às estratégias de reprodução social. Tais investigações podem subsidiar políticas mais justas e sustentáveis, que reconheçam nos quintais não apenas formas de produzir, mas modos de viver, cuidar e resistir.

Referências

- ABRANTES, K. K. de J. **Caminhos estratégicos para o desenvolvimento rural sustentável: uma análise da dinâmica sociotécnica dos quintais produtivos**. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/15325>. Acesso em: 20 maio 2025.
- AIRES, J. R. **Quintais produtivos**. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa, Instituto de Psicologia e Desenvolvimento Social (IPPDS), 2022. Disponível em: <https://gc.aksaam.ufv.br/xmlui/handle/123456789/85>. Acesso em: 20 maio 2025.
- ALMEIDA, M. F. de. Quintais, esses infinitos particulares. In: SILVA, M. R. F. da; SILVA, C. A. F. da (orgs.). **Quintais agroecológicos: tradição, cultivo, conhecimento**. São Paulo: Livraria da Física, 2022. p. [informe o intervalo de páginas do capítulo]. Disponível em: [https://www.uern.br/controldepaginas/ppgeo-documentos/arquivos/3652ebook_quintais_agroecola%C2%B3gicos_\(1\).pdf](https://www.uern.br/controldepaginas/ppgeo-documentos/arquivos/3652ebook_quintais_agroecola%C2%B3gicos_(1).pdf). Acesso em: 20 maio 2025.
- ALMEIDA, M. L. de. **Pode o quintal ser resistência?: o trabalho e os saberes das mulheres nos quintais de faxinais do Centro-Sul do Paraná**. 2023. 237 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/247808>. Acesso em: 20 maio 2025.
- ALMEIDA, R. C. M. de.; MILHOMEM, J. da S. Mulheres e produções de saberes nos quintais produtivos do Quilombo Dona Juscelina: (Muricilândia-TO). **Revista Temporis [ação]**, v. 20, n. 02, p. 18-18, 2020.
- ALTIERI, M. et al. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Agropecuária; AS-PTA, 2002.
- ARAÚJO LOPES, K. C. S.; GUIMARÃES, S. T. de L.; LOPES, P. R. Multifuncionalidade da paisagem rural em assentamentos rurais no Pontal do Paranapanema. **Cadernos de Agroecologia**, v. 9, n. 1, 2014. Disponível em: <https://revista.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/15574/10081>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- BONNAL, P.; CAZELLA, A. A.; MALUF, R. S. Multifuncionalidade da agricultura e desenvolvimento territorial: avanços e desafios para a conjugação de enfoques. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 16, n. 2, p. 185-227, 2008;
- BORSATTO, R. S.; CARMO, M. S. do. Agroecologia como um campo científico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 8, n. 2, p. 4-13, 2013.
- BRITO, M. A.; COELHO, M. F. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais: unidades auto-sustentáveis. **Agricultura Tropical**, v. 4, n. 1, p. 7-35, 2000. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/6756981/01-Os-Quintais-Agroflorestais-Em-RegiOes-Tropicais-unidades-Auto-sustentAveis>. Acesso em: 20 maio 2025.
- BRUNDTLAND, Gro Harlem; COMUM, Nosso Futuro. **Relatório Brundtland**. Our Common Future: United Nations, p. 540-542, 1987.
- CAMARGO, R. A. L.; OLIVEIRA, J. T. A. Agricultura familiar, multifuncionalidade da agricultura e ruralidade: interfaces de uma realidade complexa. **Ciência Rural**, v. 42, p. 1707-1714, 2012;

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IIICA, 2004. 24 p. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/Agroecologia-Conceitoseprincipios.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

CARDOSO NOBRE, F. É.; PINHEIRO SALES LIMA, P. V.; SOUSA MOREIRA, M. L. de .; SPINOSA JUVÊNCIO, S. M. .; CARVALHO FERNANDES, I. L. . Potencialidades e caracterização da produção agrícola familiar: Uma análise a partir dos quintais produtivos. **Retratos de Assentamentos**, v. 24, n. 2, p. 179-203, 2021.

CARMO, D. D. F.; et al.. Rede de hortas urbanas e quintais produtivos: experiência no Estado do Rio de Janeiro. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

CARNEIRO, M. J. Notas sobre a noção de desenvolvimento territorial e sustentabilidade e o lugar da multifuncionalidade da agricultura. Texto apresentado no **Colóquio Internacional: Agricultura Familiar e Desenvolvimento Territorial**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. Disponível em: https://nmdsc.paginas.ufsc.br/files/2011/05/Carneiro_M_J_Coloquio_Floripa_2007.pdf. Acesso em: 15 jul. 2025.

CARNEIRO, M. J.; MALUF, R. S. **Multifuncionalidade da agricultura familiar**. Cadernos do CEAM, p. 43-58, 2005.

CAVALCANTE, Clóvis. Sustentabilidade: mantra ou escolha moral? Uma abordagem ecológico-econômica. São Paulo. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 74, p. 35-50, 2012.

CHAVES, M. do P. S. R.; RODRIGUES, D. C. B. Desenvolvimento Sustentável: limites e perspectivas no debate contemporâneo. **Interações Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande/MS, v. 8, n. 13, p. 99-106, set. 2006.

CHRISTOFFOLI, A. Verbetes “Tecnologias sociais”. In: DIAS, A. P. et al. (org.). **Dicionário de agroecologia e educação**. São Paulo: Expressão Popular, 2021. p. 727–735.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. Ubu Editora, 2025.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 2001.

GUHUR, D. M. P.; TONÁ, N. Verbetes “Agroecologia”. In: CALDART, R. S. et al. (Org.). **Dicionário de Educação do Campo e Agroecologia**. 1. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 57-64.

GUHUR, D.; SILVA, N. R. Verbetes “Agroecologia”. In: DIAS, A. P. et al. (Org.). **Dicionário de agroecologia e educação**. São Paulo: Expressão Popular, 2021. p. 59-72.

KAUFMANN, M. P.; WIZNIEWSKY, J. G. **Bases Epistêmicas da Agroecologia**. 1 ed. Santa Maria, RS : UFSM, CTE, UAB, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/26153>. Acesso em: 28 maio 2025.

KOCH, H. B. et al. Saberes tradicionais e práticas agroecológicas: um olhar para os quintais produtivos do Assentamento José Lutzenberger, Antonina/PR. **Cadernos de Agroecologia**, v. 19, n. 1, 2024. Disponível em: [link se tiver]. Acesso em: 20 maio 2025.

LEAL, L. S. G.; et al. Quintais produtivos como espaços da agroecologia desenvolvidos por mulheres rurais. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, Campo Grande, MS, v. 7, n. 14, p. 31–54, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/9076>. Acesso em: 20 maio 2025.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. V. 3, n. 1, p. 36-51, 2002. Texto apresentado no II Seminário Internacional sobre Agroecologia, Porto Alegre, 26 a 28 nov. 2001. Traduzido por Francisco Roberto Caporal, jan. 2002.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes; PNUMA, 2001. 343 p.

LOPES, K. C. S. A.; LOPES, P. R. Caracterização de quintais produtivos urbanos em Carangola/MG. **Cadernos de Agroecologia**, v. 19, n. 1, p. 1–12, 2024. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/7354>. Acesso em: 28 maio 2025.

LOPES, P. R. et al. Importância da agrobiodiversidade: conservação on farm ou conservação na roça. In: SORRENTINO, M.; et al. **Educação, agroecologia e bem viver: transição ambientalista para sociedades sustentáveis**. Piracicaba, SP: MH-Ambiente Natural, 2017. p. 149-170.

LOPES, P. R. et al. Tecendo nossas memórias: Projeto Tecnologias Sociais para Promoção de Segurança e Soberania Alimentar no Litoral do Paraná. In: BICA, G. S. et al. **NEA Juçara: um espaço participativo de diálogos e construção do conhecimento agroecológico**. Curitiba: Pró-reitoria de Extensão e Cultura, Universidade Federal do Paraná, 2024. p. 56-104. ISBN 978-65-83191-00-7 (Versão PDF).

LOPES, P. R. et al. Tecnologias sociais no litoral do Paraná: construção de territórios agroecológicos a partir de experiências do MST e do curso de Tecnologia em Agroecologia da UFPR. In: SANSOLO, D. G.; ADDOR, F.; EID, F. (org.). **Tecnologia social e reforma agrária popular**. Vol. 1. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2021. p. 243–272.

MACIEL, J. P. **Quintais urbanos, rurais e agroflorestais: uma revisão etnobotânica no Brasil**. 2023. f. 23. Trabalho de Conclusão de Graduação - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023. Orientador: Mara Rejane Ritter. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/283251>. Acesso em: 20 maio 2025.

MORAES, L. M. J. et al. Agrobiodiversidade e manejo nos quintais produtivos das mulheres de Tracunhaém-PE. **Cadernos de Agroecologia**, v. 19, n. 1, 2024. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/8871>. Acesso em: 20 maio 2025.

MORAES, M. D. de. A multifuncionalidade e pluriatividade da agricultura familiar: convergências e divergências. *Intercursos: Revista Científica*. Ituiutaba, v. 22, n. 1, p. 1–5, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/intercursosrevistacientifica/article/view/7732>. Acesso em: 20 maio 2025.

MORAIS, L.; BORGES, A. (orgs.). **Novos paradigmas de produção e consumo: experiências inovadoras**. São Paulo: Instituto Pólis, 2010. 468 p. ISBN 978-85-7561-057-2. Disponível em: http://fbes.org.br/wp-content/uploads/Acervo/Publica/C3%A7%C3%B5es/Novos_Paradigmas_de_Producao_e_Consumo_-_Instituto_Polis.pdf. Acesso em: 20 maio 2025.

MOTA, G. A. et al. Quintais produtivos agroecológicos no assentamento José Lutzenberger, Antonina/PR. **Cadernos de Agroecologia**, v. 19, n. 1, 2024.

NUCCI, J. C.; MEZZOM, M. D. M. Espaços verdes públicos e privados em cidades do estado do Paraná, Brasil. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia-MG, v. 24, n. 91, p. 99–110, fev. 2023.

OLIVEIRA, R. M. de; et al. Quintais da agricultura familiar: relíquias do passado, pérolas do presente, tesouros do futuro. In: RODY, T.; TELLES, L. (orgs.). **Caderneta agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas**. Viçosa, MG: Editora Asa Pequena, 2021. p. 166–185.

PEDROSA, R. A. **A importância dos quintais produtivos na economia familiar**. NEDET/UFMG – Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial – Território Vale do Ivinhema/MS, Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.cpao.embrapa.br/cds/agroecol2016/PDF%27s/Minicurso.Oficinas/Minicurso-%20Rosangela%20Pedrosa-%20QUINTAIS%20PRODUTIVOS.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

PEREZ-CASSARINO, J.; FERREIRA, A. D. D.; MAYER, P. H. Agricultura, campesinato e sistemas agroalimentares: uma proposta de abordagem para a transição agroecológica. **Revista Cronos**, Natal, v. 14, n. 2, p. 129-152, 2013.

PETERSEN, P. Agroecologia e superação do paradigma da modernização. In: NIERDELE, P. A.; ALMEIDA, L. de; VEZZANI, F. M.(orgs.). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 69 – 103.

PULGA, V. L.; et al. (org.). **Mulheres camponesas: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2018. 269 p.

QUEIROZ, É. F. C. et al. A educação ambiental emancipatória e as tecnologias sociais. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 15, n. 38, p. 130-151, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/8550>. Acesso em: 20 maio 2025.

RODRIGUES, I.; BARBIERI, J. C. A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 6, p. 1171–1194, 2008.

SANSOLO, D. G.; ADDOR, F.; EID, F. (org.). **Tecnologia social e reforma agrária popular**. Vol. 1. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2021.

SANTANA, E. U. Quintais agroflorestais e cooperativismo como espaço de resistência: reflexões a partir do trabalho das mulheres da Cooperativa D'Irituia. **Revista Macambira**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 1–19, 2024. DOI: 10.35642/rm.v8i1.1228. Disponível em: <https://revista.lapprudes.net/RM/article/view/1228>. Acesso em: 22 abr. 2025.

SANTOS, G. G. Quintais produtivos e as mulheres: espaços de construção de autonomia e transição agroecológica. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020. Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia. ISSN 2236-7934. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/5711>. Acesso em: 20 maio 2025.

SANTOS, L. B. Quintais produtivos em periferias urbanas: o caso do Projeto Emancipação Social a partir da Soberania Alimentar. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 15, n. 1, p. 15-28, 2024.

SAQUET, M. A. A descoberta do território e outras premissas do desenvolvimento territorial. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 20, p. 479-505, 2018. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5655>. Acesso em: 28 maio 2025.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. 3. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013. Disponível em: <https://poscomufes2014.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/05/abordagens-e-concepc3a7c3b5es-de-territc3b3rio1.pdf>. Acesso em: 28 maio 2025.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 73-94.

SAQUET, M. A. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. Outras Expressões, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/17571>. Acesso em: 28 maio 2025.

SAQUET, M. A. Reflexões sobre a superação do academicismo na relação universidade-território. In: RAMÍREZ, A. M.; ZAMORA, E. H.; VALVERDE, B. R. (coords.). **Medio ambiente y sustentabilidad: la dimensión epistémica del diálogo de saberes**. Quito: Universidad Politécnica Salesiana, 2023a. p. 319-334.

SAQUET, M. A. Singularidades: um manifesto a favor de la ciencia territorial popular hecha en la praxis decolonial y contrahegemonica. In: RAMÍREZ, A. M.; ZAMORA, E. H.; VALVERDE, B. R. (coords.). **Medio ambiente y sustentabilidad: la dimensión epistémica del diálogo de saberes**. Quito: Universidad Politécnica Salesiana, 2023b. p. 261-278. Disponível em: <https://dspace.ups.edu.ec/handle/123456789/27629>. Acesso em: 28 maio 2025.

SATRÚSTEGUI, K. U. Desenvolvimento, subdesenvolvimento, mau-desenvolvimento e pósdesenvolvimento: um olhar transdisciplinar sobre o debate e suas implicações. **Revista Perspectivas do Desenvolvimento**, v. 1, n. 1, p. 34-69, 2013.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Editora Companhia das letras, 2018.

SERAFIM, M. P.; JESUS, V. M. B. de; FARIA, J. **Tecnologia social, agroecologia e agricultura familiar: análises sobre um processo sociotécnico**. Segurança Alimentar e Nutricional, Campinas, v. 20, supl., p. 169–181, 2013.

SILVA, A. C. G. F. da; et al. Quintais produtivos: para além do acesso à alimentação saudável, um espaço de resgate do ser. **Guaju**, Mato Grosso do Sul, v. 2, n. 1, p. 77-101, 2016.

SILVA, A. Plantas Alimentícias **Não Convencionais (PANCS)**: desvendando a agrobiodiversidade oculta em quintais produtivos urbanos. 2016. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/wp-content/uploads/2021/05/Adriella-da-Silva-2016.-Desvendando-a-agrobiodiversidade-oculta-em-quintais-produtivos-urbanos.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

SILVA, L. C. et al. Cadernetas agroecológicas e os quintais produtivos: as agricultoras familiares agroecológicas do Nordeste brasileiro gerando autonomia e preservando a agrobiodiversidade. *Cadernos de Agroecologia*, São Cristóvão, SE, v. 15, n. 2, 2020. **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia**. ISSN 2236-7934. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6080/3208>. Acesso em: 20 maio 2025.

SILVA, M. R. F.; SILVA, C. A. F. (orgs.). **Quintais agroecológicos: tradição, cultivo, conhecimento**. São Paulo: Livraria da Física, 2022.

SIMONETTI, E. R. de S.; BARDEN, J. E. Desenvolvimento rural e a multifuncionalidade da agricultura familiar. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 12, n. 9, p. 387-404, 2021.

SOLÓN, P. (org.). **Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização**. Tradução de João Peres. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

STRATE, M. F.; DA COSTA, S. M. Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável das mulheres rurais no RS. **Brazilian Journal of Development**, v. 4, n. 7, p. 3732-3744, 2018. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/387>. Acesso em: 20 maio 2025.

TARDIN, J. M.; TRAVASSOS, R. Educação popular em agroecologia. In: DIAS, A. P. et al. (org.). **Dicionário de agroecologia e educação**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021. p. 375-383.

TIEPOLO, L. M.; DENARDIN, V. F. Desenvolvimento territorial sustentável: uma nova experiência na Mata Atlântica. In: DENARDIN, V. F.; ALVES, A. R. (Org.). **Desenvolvimento Territorial: olhares contemporâneos**. Londrina: Ed. Mecenaz, 2019. p. 21-32.

TOLEDO, V. M. A agroecologia é uma revolução epistemológica. **Revista Agriculturas**, v. 13, n. 1, p. 42-45, 2016.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TONINI, R. de T. **Agrobiodiversidade e quintais agroflorestais como estratégia de autonomia em assentamento rural**. 2013. Dissertação (Mestrado em Agroecologia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.

TROTTA, J.; MESSIAS, P. A.; PIRES, A. H. C.; HAYASHIDA, C. T.; CAMARGO, C.; FUTEMMA, C. Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil. **Revista de Estudos Ambientais**, Blumenau, v. 14, n. 3, p. 17–34, 2012. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/rea/article/view/2854>. Acesso em: 28 maio 2025.

VEIGA, J. E. da. Indicadores de sustentabilidade. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, p. 39-52, 2010.

VIEIRA, P. F. Políticas ambientais no Brasil: do preservacionismo ao desenvolvimento territorial sustentável. **Política & Sociedade**, Florianópolis, n. 14, 2009.

VIEIRA, P. H. F. Do desenvolvimento local ao ecodesenvolvimento territorial. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 10, n. 2, p. 119-141, 2013.

WEITZMAN, R.; SCHOTTZ, V.; PACHECO, M. E. L. Mulheres construindo a agroecologia: caminhos para a soberania e segurança alimentar e nutricional. In: RODY, T.; TELLES, L. (orgs.). **Caderneta agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas**. Viçosa, MG: Editora Asa Pequena, 2021. p. 114–148.